

O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo?

De Saussure a Benveniste

Valdir do Nascimento Flores^a

Resumo

Este trabalho busca examinar os efeitos do pensamento de Ferdinand de Saussure na elaboração teórica de Émile Benveniste a partir de uma noção específica: a de signo linguístico. Muitos já se dedicaram a essa discussão e, quase sempre, o viés assumido enfoca a questão da arbitrariedade. O ponto de partida é, geralmente, o artigo de Benveniste, de 1939, “Nature du signe linguistique”, no qual é desenvolvida uma crítica à demonstração da arbitrariedade presente no Curso de linguística geral (CLG). Procura-se aqui, no entanto, outro viés de abordagem: compreender como opera a crítica de Benveniste na constituição de uma abordagem própria da questão. Desenvolve-se a hipótese de que Benveniste, embora admita a noção de signo de Saussure, a reformula de forma a propor um entendimento próprio da noção de signo linguístico. Enfim, há elementos para se supor que Benveniste inclui a visão saussuriana de signo na elaboração de uma visão própria do signo linguístico, sem, no entanto, conservá-la na íntegra.

Palavras-chave: Signo linguístico. Arbitrariedade linguística. Semiologia.

Recebido em 28 de junho de 2017
Aceito em 26 de dezembro de 2017

^a Professor de Linguística do PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador Pq-CNPq; E-mail: valdir.flores@pq.cnpq.br.

Introdução

Este texto busca fazer, a partir da teoria de Émile Benveniste, uma discussão teórico-conceitual em torno de uma noção fundamental da linguística saussuriana: o signo linguístico.

Como se sabe, deve-se a Ferdinand de Saussure não a criação da noção ou mesmo do termo – já que ele faz parte da tradição filosófica geral –, mas a promoção de uma nova perspectiva de entendimento da questão, ligando-a, em especial, à natureza arbitrária, não convencional e imotivada. O signo linguístico é, para Saussure, um conjunto constituído por um significante e um significado que desconhece causalidade externa à própria relação sistêmica que o cria. Nesse sentido, Saussure retoma uma longa tradição filosófica em torno da linguagem para recolocá-la em outros termos, distante do debate convencionalistas *versus* naturalistas, polarização esta explicitada na filosofia platônica. O signo linguístico, como informa o *Curso de linguística geral (CLG)*, é de natureza arbitrária e linear, o que impõe uma perspectiva de língua estranha à que a percebe em relação ao “mundo dos objetos”.

Desde a publicação do *CLG*, inúmeros são os trabalhos que buscam mensurar o impacto do ponto de vista saussuriano para o estabelecimento de um saber sobre a língua: Engler (1962), Normand (1973), Milner (1975), Godel (1974) e Gadet (1987) são apenas alguns dos mais notáveis. Em todos, o que se vê é uma espécie de avaliação do alcance e dos consequentes limites que tal formulação de signo tem. Os autores normalmente recorrem, para isso, de um lado, à rica e conturbada filologia saussuriana (cf. DE MAURO, 1976; GODEL, 1957; ENGLER, 1968 e 1974); de outro, à contraposição entre perspectivas de abordagens do signo saussuriano, ampliando-o ou mesmo alterando-o em sua essência (cf. DE MAURO a propósito de ULLMANN, 1964 e JAKOBSON, 1992).

No entanto, de todos os trabalhos críticos relativos à noção de signo, um se destaca: o artigo “Natureza do signo linguístico”, de Émile Benveniste, publicado originalmente em 1939¹ na Revista *Acta linguística*, em Copenhague, e republicado em 1966 por ocasião da edição do primeiro volume de *Problemas de linguística geral*, na França. Esse texto é de importância capital na história do pensamento linguístico pós-saussuriano, e isso

¹Os textos de *Problemas de linguística geral I e II* serão mencionados, no decorrer do texto, sempre com referência às datas originais de publicação, uma vez que a cronologia tem valor fundamental para a argumentação desenvolvida. No entanto, nas citações e em *Referências bibliográficas*, utiliza-se a data da publicação brasileira dos livros.

se dá, ao menos, por dois motivos: a) foi o primeiro trabalho crítico acerca de Saussure que teve forte repercussão no meio intelectual do seu tempo (cf. DE MAURO, 1967, n. 138); b) foi o primeiro trabalho que dirigiu um olhar crítico sobre um dos principais pilares da linguística de Saussure, a arbitrariedade do signo linguístico (cf. DE MAURO, 1976, n. 135, 136, 137 e 138).

Além desses motivos – já suficientes – para dar destaque ao trabalho de Benveniste acerca de Saussure, há outro de sobeja relevância: ele permite ver como Saussure pode ser considerado, simultaneamente, o fundador de um saber sobre a língua e também a condição para se prospectar outro saber, não pensado pelo pai da linguística.

No caso específico de Benveniste, pode-se dizer que a noção saussuriana de signo é um ponto de partida (o aspecto fundador da visada saussuriana), mas não um ponto de chegada de sua teorização (o aspecto prospectivo da teoria do genebrino). Assim, quer-se defender – e isso é uma hipótese – que a teoria da linguagem de Benveniste, no que diz respeito especificamente à noção de signo, inclui a teoria saussuriana ao mesmo tempo em que propõe algo que não cabe nela, que vai além dela. Trata-se, então, de uma espécie de *aufhebung* hegeliana (cf. FLORES, 2013), cujo sentido é, a um só tempo, o da negação, da supressão, da conservação e da suspensão: Benveniste, em sua teoria da linguagem, a um só tempo, nega, suprime, conserva e suspende a teoria do signo linguístico saussuriana.

A execução do propósito de confirmar essa possibilidade de entendimento da questão do signo linguístico em Saussure-Benveniste dá-se, a seguir, distribuída em três partes: inicialmente, esboçam-se os termos da relação teórica entre os dois autores; em seguida, dá-se destaque especificamente ao texto de Benveniste, “Natureza do signo linguístico”; adiante, retoma-se a hipótese acima e formula-se o aspecto prospectivo da teoria de Benveniste a partir da crítica a Saussure; finalmente, esboça-se a conclusão.

Benveniste: o olhar de *Jano* para Saussure

Benveniste, ao longo de sua teorização, mantém com relação a Saussure uma posição similar a do deus romano *Jano bifronte*, personagem formado por duas faces, uma que olha para frente e outra que olha para trás. Benveniste é o próprio *Jano*.

Seu olhar para Saussure é, primeiramente, uma permanente homenagem. Em 1963, em uma conferência feita por ocasião do cinquentenário da morte de Saussure, “Saussure após meio século”, Benveniste anuncia: “Não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione o seu nome” (BENVENISTE, 1988, p. 34). Em 1964, em artigo publicado no *Annuaire de l'École Pratique des Hautes Études 1964-1965*, lê-se: “um estreante genial, ‘belo como um jovem deus’, que faz uma entrada brilhante em uma ciência” (BENVENISTE, 1964, p. 34). A face de *Jano* que olha para trás, que aprecia o passado, em Benveniste, mira Saussure, e isso não apenas com relação ao signo linguístico. São inúmeros os trabalhos em que Saussure comparece textualmente para apoiar algum raciocínio de Benveniste. Especificamente sobre o signo, cabe referir o texto de 1963, acima, no qual Benveniste afirma peremptoriamente a originalidade da proposição saussuriana: “O que desejamos **acentuar** aqui é o **alcance** desse princípio do **signo** instaurado como unidade da língua” (BENVENISTE, 1988, p. 47, grifos meus). E acrescenta, no mesmo texto, logo adiante:

Dizemos aqui que Saussure pertence para sempre à história do pensamento europeu. Precursor das doutrinas que de cinquenta anos para cá transformaram a teoria da linguagem, lançou ideias inesquecíveis sobre a faculdade mais alta e mais misteriosa do homem e, ao mesmo tempo, propondo no horizonte da ciência e da filosofia **a noção de “signo”** como unidade bilateral, **contribuiu para o advento do pensamento formal nas ciências da sociedade e da cultura, e para a constituição de uma semiologia geral.** (BENVENISTE, 1988, p. 49, grifos meus)

Nessa passagem, Benveniste reconhece que a “noção de signo” permite a Saussure antecipar a semiologia geral. O alcance da noção é, então, enorme e se configura um ponto de partida para Benveniste exatamente no que tange à semiologia, já que, no final dos anos 1960, Benveniste também proporá, a partir de Saussure, uma semiologia por ele denominada *Semiologia da língua*.

Mas não é sempre assim. Há uma face de *Jano* que olha, a partir de Saussure, para frente. Em “A forma e o sentido na linguagem”, uma conferência dada em 1966, diz Benveniste:

Quando Saussure introduziu a ideia de signo linguístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. Compete-nos tentar **ir além** do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante. (BENVENISTE, 1989, p. 224, grifos meus)

Aqui, percebe-se, claramente, que Benveniste situa no signo linguístico o limite da teoria saussuriana. O “ir além”, tantas vezes discutido por vários autores (cf. NORMAND, 2009) é, sem dúvida, um “ir além” do signo. Benveniste, inclusive, dirá, anos mais tarde, em “Semiologia da língua”, texto de 1969: “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único [...]” (BENVENISTE, 1989, p. 67). O signo linguístico saussuriano não se configura, portanto, um ponto de chegada para Benveniste.

As passagens acima encontram eco na metáfora do deus romano: quando *Jano* olha para trás, é Saussure que ele vê; quando olha para frente, é um projeto próprio que ele esboça. Em outros termos, Saussure é um apoio para a teoria de Benveniste sem, contudo, se configurar numa filiação cega. Isso fica muito claro quando o que está em discussão é a noção de signo linguístico.

A natureza do signo linguístico em debate

A crítica que Benveniste faz a Saussure em “Natureza do signo linguístico” se dá especificamente com relação à noção de *arbitrariedade*, tal como ela é apresentada pelos editores de Ferdinand de Saussure no *Curso de linguística geral* (CLG). Benveniste reconhece o alcance que a noção de *arbitrariedade* tem na linguística – “o princípio tem tal alcance que uma reflexão que verse sobre qualquer parte da linguística o encontra necessariamente” (BENVENISTE, 1988, p. 53) –, mas problematiza a afirmação presente no CLG segundo a qual *a natureza do signo é arbitrária*.

Benveniste retoma – em consonância com Saussure – que a noção de *arbitrariedade*, no CLG, está vinculada à ideia de *imotivado*. Em outras palavras: o signo, no CLG, é apresentado como *arbitrário* porque é *imotivado*, porque *não tem com o significado nenhum laço natural na realidade*. A problematização

de Benveniste, no entanto, não diz respeito ao princípio que a ideia de arbitrariedade evoca – “não sonhamos em discutir essa conclusão em nome de outros princípios ou partindo de definições diferentes” (BENVENISTE, 1988, p. 54) –, nem mesmo à vinculação do arbitrário ao imotivado, mas, sim, à demonstração dada no *CLG*.

Eis a demonstração: os editores Charles Bally e Albert Sechehaye, após apresentarem, no *CLG*, a definição de signo como “o total resultante da associação de um significante com um significado” (SAUSSURE, 1975, p. 81), trazem dois exemplos para ilustrar essa associação: o primeiro fala na ausência de motivação da relação significante/significado – “assim, a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante” (SAUSSURE, 1975, p. 81)² –; o segundo teria o papel de ratificar o anterior, no entanto, introduz uma questão nova, a das diferenças entre as línguas – “como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boëuf* tem como significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro.” (SAUSSURE, 1975, p. 82).

A crítica de Benveniste se ancora, exatamente, nessa passagem: Benveniste surpreende, nesse exemplo, uma visão convencionalista do arbitrário. Para ele, o raciocínio de Saussure “é falseado pelo recurso inconsciente e sub-reptício a um terceiro termo, que não estava compreendido na definição inicial. Esse terceiro termo é a própria coisa, a realidade” (BENVENISTE, 1988, p. 54). Ora, se Saussure esforça-se sempre para explicar que a relação significante/significado é imotivada, não deixa de causar estranheza, aos olhos de Benveniste, exemplificar tal raciocínio supondo que *b-ö-f* e *o-k-s* se aplicam à mesma realidade, o *boi*.

Benveniste opta, então, por uma nova definição de signo. Na sua visão, “entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é necessário” (BENVENISTE, 1975, p. 55). Para Benveniste, o signo continua sendo, como é para Saussure, um elemento primordial do sistema linguístico, constituído por um significante e um significado, mas a ligação entre ambos deve ser reconhecida como *necessária*, sendo esses dois componentes consubstanciais um com o outro. Fica, assim, estabelecido que “o que é arbitrário é que um signo, mas

² Na edição francesa (cf. Referências bibliográficas), o exemplo dado não é *mar*, mas *soer* (irmã).

não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não outro” (BENVENISTE, 1988, p. 56).

Na formulação benvenistiana, a noção de *arbitrário*, entendida como aplicação de um termo à realidade, estaria próxima ao campo da *contingência* de uma língua, enquanto a relação significante/significado estaria próxima ao campo da *necessidade*: é *necessário* que se tenha a relação significante/significado para que exista uma língua; é *contingente* a relação à realidade que o signo possa fazer.

Cabe ainda uma última observação que é fundamental: Benveniste, ao surpreender no raciocínio de Saussure, no *CLG*, o “terceiro termo”, “a coisa”, “a realidade”, e ao “delimitar” a “zona do arbitrário” ao fato de que “um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro” (BENVENISTE, 1988, p. 56) não considera ser tarefa do linguista estudar essa contingência, essa arbitrariedade.

Diz Benveniste:

[...] a natureza do signo linguístico não tem nada a ver com isso se o definimos como o fez Saussure, pois o próprio dessa definição consiste precisamente em **não encarar senão a relação do significante com o significado. O domínio do arbitrário fica assim relegado para fora da compreensão do signo linguístico.** (BENVENISTE, 1988, p. 57, grifo meu)

Benveniste evoca a noção saussuriana do *valor* para fundamentar seu ponto de vista. Diz Benveniste: “quando se considera o signo em si mesmo e enquanto portador de um valor, o arbitrário se encontra necessariamente eliminado” (BENVENISTE 1988, p. 58). E segue: “De fato [...] é bem verdade que os valores permanecem inteiramente ‘relativos’; mas trata-se de saber como e em relação a quê” (BENVENISTE, 1988, p. 58-59). Se “o valor é um elemento do signo” (BENVENISTE, 1988, p. 59) e “se o signo tomado em si mesmo não é arbitrário” (BENVENISTE, 1988, p. 59), então “o caráter ‘relativo’ do valor não pode depender da natureza ‘arbitrária’ do signo” (BENVENISTE, 1988, p. 59). Assim, Benveniste, mesmo utilizando outras palavras, demonstra um perfeito entendimento da noção saussuriana de *valor*:

Uma vez que é **preciso abstrairmo-nos da adequação do signo à realidade, com maior razão devemos considerar o valor apenas como atributo da forma, não da substância.** Daí, dizermos que os valores são ‘relativos’ significa que são

relativos uns aos outros. Ora, não está aí justamente a prova de sua *necessidade*? (BENVENISTE 1988, p. 59, grifo meu)

Assim, Benveniste mantém o essencial da tese saussuriana: o *valor*, como quer Saussure, é uma propriedade interna do sistema, *necessária* a ele, diria Benveniste: “Trata-se, aqui, não mais do signo isolado, mas da língua como sistema de signos e ninguém, tão firmemente como Saussure, concebeu e descreveu a economia sistemática da língua” (BENVENISTE, 1988, p. 59). E conclui com uma síntese magistral: “quem diz sistema diz a organização e adequação das partes numa estrutura que transcende e explica seus elementos” (BENVENISTE, 1988, p. 59).

Como se pode ver a partir dessa sumária apresentação feita do artigo, a discussão proposta por Benveniste é, no mínimo, consistente. A importância desse texto é facilmente inferida da leitura de alguns importantes intérpretes da obra saussuriana.

Tullio de Mauro afirma, na nota 138 de sua edição crítica do *Cours de linguistique générale*, que “Benveniste destaca (com razão) o contraste entre o princípio do arbitrário compreendido de forma convencional (e apenas se pode compreendê-lo assim com base nas páginas 100-101) e o restante do pensamento saussuriano” (DE MAURO, 1976, p. 444, tradução minha). E acrescenta: “o artigo de Benveniste abriu, principalmente, o caminho para uma série de críticas que atacavam Saussure” (DE MAURO, 1976, p. 444, tradução minha).

Roman Jakobson, em *Six leçons sur le son et le sens*, de 1976, lembra que “o mais profundo dos linguistas franceses modernos, Émile Benveniste, em seu artigo intitulado ‘Natureza do signo linguístico’ objeta a Saussure que ‘entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é *necessário*’” (JAKOBSON, 1976, p. 117, tradução minha).

Rudolf Engler lembra a crítica de Benveniste em um artigo muito importante, publicado nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, “Théorie et critique d’un principe saussurien: l’arbitraire du signe”, em 1962; Michel Arrivé, em seu livro *Langage et psychanalyse, linguistique et inconsciente (Freud, Saussure, Pichon, Lacan)*, dedica algumas páginas para comentar o texto de Benveniste em relação à crítica sobre o tema feita por Edouard Pichon; Jean-Claude Milner, por sua vez, retoma o

artigo de Benveniste em *Le périple structural* e em *L'amour de la langue*; Simon Bouquet dedica à polêmica Saussure-Benveniste um artigo intitulado “Benveniste et la représentation du sens: de l'arbitraire du signe à l'objet extra-linguistique”, publicado na atas do Colóquio *Émile Benveniste vingt ans après*, em 1997. Finalmente, em estudo recente, Akatane Suenaga considera a crítica de Benveniste a que “apresenta uma forte coerência teórica” (SUENAGA, 2005, p. 139, tradução minha).

As referências ao texto de Benveniste, como é possível constatar, são inúmeras. Todos os que se dedicam a pensar a respeito da arbitrariedade do signo linguístico, em algum momento, são levados a se posicionar a respeito desse texto. Há os que concordam com Benveniste, há os que discordam, há os que consideram que ele se equivocou na leitura das ideias saussurianas, há os que o consideram vítima da edição feita pelos editores do *CLG* etc. O texto de Benveniste é, portanto, incontornável na história das ideias linguísticas.

Jano olha para frente

Todos os autores lembrados no item anterior têm algo em comum nas leituras que fazem do texto de Benveniste: como era de se esperar, eles o leem para relacioná-lo ao pensamento de Saussure, de forma a avaliar os limites e o alcance da proposta de Benveniste. Porém, não é por esse motivo que esse texto é evocado aqui: o interesse não é avaliar se o que Benveniste disse a respeito da teoria de Saussure é, ou não, correto. A intenção é outra: refletir sobre o modo como essa crítica feita por Benveniste opera em sua própria teoria da linguagem, de maneira a corroborar a hipótese de que Saussure – especialmente quanto à noção de signo linguístico – é um ponto de partida, mas não um ponto de chegada de Benveniste.

Sobre isso há um indício biobibliográfico importante: Benveniste jamais alterou, ao longo de sua carreira de linguista, a crítica que fez a Saussure. Mesmo tendo publicado “Natureza do signo linguístico” em 1939 – prematuramente, portanto –, ele o mantém inalterado por ocasião da publicação do primeiro volume de *Problemas de linguística geral*, em 1966.

Essa consideração adquire maior importância se se considera que, após 1939, são divulgadas obras que se dedicam a inventariar os manuscritos saussurianos, chegando-se, com

elas, inclusive, a colocar em dúvida as informações constantes no *CLG*, fonte de Benveniste no artigo. Tais publicações esclarecem que a passagem do *CLG* sobre a qual Benveniste faz incidir sua crítica sofre de certa ambiguidade decorrente da natureza editorial do *CLG*.

A tese de Robert Godel, *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*, por exemplo, que faz um levantamento profundo das fontes utilizadas para a organização do *CLG*, é publicada em 1957. Nela, já se vê, às páginas 190 e seguintes, que o signo linguístico tem nuances definicionais não presentes no *CLG*. Benveniste conhece a tese de Godel e, inclusive, chega a referi-la em “Saussure após meio século”, em 1963, mas não a utiliza para revisar o texto de 1939.

Então, cabe indagar: por que, em 1966, quando da organização de *Problemas de linguística geral I*, Benveniste inclui o texto de 1939 sem nenhuma alteração, mesmo conhecendo as fontes manuscritas divulgadas por Robert Godel? Uma resposta possível é dada pelo próprio Benveniste no *Prefácio* que faz ao primeiro volume de *Problemas de linguística geral*:

Abstivemo-nos propositadamente de qualquer intervenção retrospectiva tanto na apresentação como nas conclusões dos diferentes capítulos. De outra forma, teria sido necessário acrescentar a cada um deles um *post scriptum* às vezes longo: quer ao título da documentação, para assinalar, por exemplo, os progressos mais recentes das pesquisas teóricas; quer, como historiadores da nossa própria pesquisa, para dar conta da acolhida prestada a cada um desses textos, e indicar que o estudo ‘Natureza do signo linguístico’ provocou vivas controvérsias e deu origem a uma longa série de artigos. (BENVENISTE, 1988, p. IX)

Apesar dessa resposta, não seria absurdo conjecturar que Benveniste mantém a crítica por dois motivos: primeiro (*Jano* olhando para trás), ele admite apenas parcialmente a noção de signo de Saussure – afinal ele mantém, em “Natureza do signo linguístico”, a díade significante/significado e a noção de *valor*; segundo (*Jano* olhando para frente), Benveniste tem um entendimento próprio da noção de signo, o que redimensiona o seu alcance.

São inúmeras as passagens em que Benveniste, no conjunto de sua obra, evoca a ideia de *signo* para fundamentar seu raciocínio. No entanto, em boa parte delas, percebe-se que não se trata de endossar integralmente o ponto de vista saussuriano.

Benveniste apenas toma-o como um ponto de partida, mas não como um ponto de chegada. Examine-se, a título de exemplo, alguns usos do termo *signo* em um artigo de *Problemas de linguística geral I*, “A natureza dos pronomes”, de 1956.

O termo aparece já no início do texto, quando Benveniste diz “que os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo **o modo de linguagem do qual são os signos**” (BENVENISTE, 1988, p. 277, grifo meu). Como entender essa formulação? A explicação vem logo a seguir: há pronomes que são signos pertencentes à sintaxe da língua, ao *modo* sintaxe; há pronomes que são signos *característicos* da “instância de discurso”, do *modo* instância de discurso.

Tomando-se apenas a análise de *eu*, vê-se que entre “*eu* e um nome referente a uma noção lexical” (BENVENISTE, 1988, p. 278) há, além de diferenças formais, uma diferença de natureza: é distintivo de *eu* o fato de incluir em seu sentido aqueles que o usam, ou seja, os locutores.

Pode imaginar-se um texto linguístico de grande extensão – um tratado científico, por exemplo – em que *eu* e *tu* não aparecem nem uma única vez; inversamente seria difícil conceber um curto texto falado em que não fossem empregados. Entretanto, **os outros signos** da língua se distribuiriam indiferentemente entre **esses dois gêneros de textos**. (BENVENISTE, 1988, p. 278, grifos meus)

A expressão “gêneros de texto”, nessa citação, parece ser semanticamente próxima de “modo de linguagem”, presente na citação anterior, e a distribuição dos signos entre esses *modos/gêneros* é distintiva: há signos – *eu* e *tu*, por exemplo –, próprios ao texto falado comum; há signos – os *outros* – próprios, além de ao texto falado comum, aos textos científicos. Trata-se de uma *condição de emprego*.

A noção de signo mobilizada por Benveniste aqui, embora inclua a ideia da distintividade, oriunda de Saussure, é específica de sua construção teórica. Para Benveniste, há signos que dizem respeito à sintaxe da língua e signos que dizem respeito à instância do discurso.

Mais adiante, no mesmo texto, afirma Benveniste: “cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal” (BENVENISTE, 1988, p. 278). No entanto, o mesmo não acontece para os empregos do nome: “cada instância de emprego de um nome refere-se a uma noção

constante e ‘objetiva’, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular, e que permanece sempre idêntica na representação que desperta” (BENVENISTE, 1988, p. 278). Nesse momento, o autor elabora uma distinção de natureza no interior da língua e, por conseguinte, da linguagem: há os signos cuja referência, única e singular, é ao “sujeito que fala”; há os signos que se referem “a uma noção constante e ‘objetiva’, apta a permanecer virtual ou a atualizar-se num objeto singular” (BENVENISTE, 1988, p. 278). Isso também não está pensado na noção saussuriana de signo.

Mais adiante, falando dos indicadores de pessoa, tempo e lugar, afirma Benveniste:

Tratamos muito levemente e como incontestável a referência ao “sujeito que fala” implícita em todo esse grupo de expressões. **Despoja-se da sua significação própria essa referência se não se discerne o traço pelo qual se distingue dos outros signos linguísticos.** Assim, pois, é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas “pronominais” não remetam à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego. (BENVENISTE, 1988, p. 280, grifo meu)

E continua:

A importância da sua função se comparará à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva. A linguagem resolveu esse problema criando um conjunto de **signos “vazios”**, não referenciais com relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que **se tornam “plenos”** assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso. (BENVENISTE, 1988, p. 280, grifos meus)

Disso, pode-se concluir que há: a) os signos como o *eu* e o *tu*, que são “signos ‘vazios’” que se tornam plenos quando um locutor os assume; b) os signos que referem “a uma noção constante”, “objetiva”, que são, de certa forma, já virtualmente plenos.

Em resumo e tomando como exemplo apenas a noção de signo mobilizada em “A natureza dos pronomes”, tem-se: signos pertencentes à sintaxe, signos pertencentes à instância de discurso, signos plenos que se referem a uma noção virtualmente objetiva e signos vazios que se tornam plenos quando assumidos por um locutor.

O que há de Saussure nessa concepção de signo presente em “A natureza dos pronomes”? Reconhece-se, claramente, o princípio da distintividade e da oposição das unidades no sistema de valores dos quais fazem parte. É a partir das relações entre os elementos que Benveniste deriva as diferenças entre os signos. No entanto, ao conservar o raciocínio saussuriano – os signos somente podem ser vistos no sistema –, Benveniste amplia-o para o campo do que viria a ser conhecido como a *enunciação*, uma vez que a marca dos *signos vazios* é a sua referência à instância de discurso.

Observe-se que a “anomalia no raciocínio tão cerrado de Saussure” (BENVENISTE, 1988, p. 55) é exatamente a presença de um terceiro termo implicado na demonstração dada pelo CLG. Esse terceiro termo reaparece no raciocínio de Benveniste sob a forma de referência à “instância de discurso” e da passagem dos signos de vazios a plenos.

A concepção de signo em Benveniste não é binária; ela inclui um terceiro elemento. Em Benveniste, o signo é uma série de três termos. E que fique bem claro: não se está defendendo que o terceiro termo em Benveniste é o referente, o objeto no mundo, tal como se encontraria concebido no campo da lógica, mas a referência, o que é coisa muito diferente, uma vez que a referência, em Benveniste, não advém da realidade no mundo, mas de uma realidade de discurso. Aliás, o tipo de referência – se “constante” e “objetiva”, de um lado, ou “vazia”, apta a se tornar “plena”, de outro lado – é um aspecto distintivo que se localiza no interior do sistema de valores que definem o signo. Não é algo que se acrescenta ao sistema. A série de três termos, portanto, está pensada por Benveniste no sistema de valores concebido por Saussure.

Só o que foi dito até o momento já seria suficiente para se defender a ideia de que manter inalterada a crítica a Saussure em *Problemas de linguística geral* cumpre, em Benveniste, a função de manter o alerta de que, em enunciação, trata-se sempre de uma série de três termos. No entanto, cabe ainda avaliar a presença da noção de signo em outros trabalhos de Benveniste. Observe-se como é usado o termo em dois textos de *Problemas de linguística geral II*: “A forma e o sentido na linguagem”, de 1967, e “Semiologia da língua”, de 1969.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, publicado mais de vinte anos após “Natureza do signo linguístico”,

vê-se que Benveniste parte da visão saussuriana de signo – “diremos, com Saussure, a título de primeira aproximação, que a língua é um sistema de signos” (BENVENISTE, 1989, p. 224) –, mas não se detém nela – “compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante” (BENVENISTE, 1989, p. 224). Benveniste tem clareza dos limites que a definição saussuriana de signo impõe a uma teoria da linguagem e adverte: “Não se pode deixar de ficar admirado por ver tantos autores manipularem inocentemente este termo ‘signo’ sem discernir o que ele contém de restrições para quem o adota e em que ele o compromete a partir daí” (BENVENISTE, 1989, p. 224).

Nesse artigo, Benveniste, como bem atesta o título, busca estudar as relações entre a *forma* e o *sentido* na linguagem. Para tanto, volta a falar sobre signo linguístico, agora em um novo contexto: o da distinção semiótico/semântico e forma/sentido, segundo ele, “em tudo diferente daquela que Saussure tentou instaurar entre língua e fala” (BENVENISTE, 1989, p. 229). E o primeiro ponto de ancoragem para tratar o tema é a noção de signo de Saussure.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, o signo está ligado ao modo semiótico de existência da língua e, nesse modo, ele tem forma e sentido. A *forma* no *semiótico* diz respeito ao significante, entendido como o “aspecto formal da entidade chamada signo” (BENVENISTE, 1989, p. 225); o *sentido* no *semiótico* diz respeito às relações de oposições com os outros signos da língua, pois, no *semiótico*, “ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa” (BENVENISTE, 1989, p. 228). O significante é a forma; o significado é o sentido, e é sobre este último que Benveniste inova (*vai além?*).

Para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos. A entidade considerada significa? A resposta é sim, ou não. Se é sim, tudo está dito e registre-se; se é não, rejeitemo-la e tudo está dito também. ‘Chapéu’ existe? Sim. ‘Chaméu’ existe? Não (BENVENISTE, 1989, p. 227)

A fórmula parece simples: é o conjunto de falantes de uma língua que determina se um signo tem ou não sentido: “No plano do significado, o critério é: isto significa ou não? Significar é ter um sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua,

aqueles para os quais esta língua é *a língua* e nada mais” (BENVENISTE, 1989, p. 227).

O princípio é também simples:

Nós erigimos, desta forma, a noção de uso e de compreensão da língua como um princípio de discriminação, um critério. É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua, “*tertium non datur*”. (BENVENISTE, 1989, p. 227)

Aqui, percebe-se que o que está em questão não é mais a noção saussuriana de signo, a que foi objeto de crítica em “Natureza do signo linguístico”, mas uma noção marcada por outro princípio: o uso. A noção de signo desenvolvida por Benveniste, nesse texto, inclui o uso. Evidentemente que se pode objetar que em Saussure já está posta a questão do uso como determinante da validade do signo linguístico. Mesmo no *CLG* abundam as passagens em que Saussure recorre à “massa falante” para validar seu raciocínio. Veja-se, a esse exemplo, o esquema que encerra o segundo capítulo da primeira parte do *CLG*, “Imutabilidade e mutabilidade do signo”. Há, em Saussure, uma preocupação com o falante. No entanto, Benveniste faz, nesse contexto, algo diferente de Saussure: a noção de uso e de compreensão da língua é um princípio de discriminação. O locutor e o interlocutor estão marcados na língua. Eis o terceiro elemento, o uso, mais uma vez presente no raciocínio benvenistiano.

Em “Semiologia da língua”, por motivos evidentes já no título do artigo, o termo *signo* comparece como o mais recorrente. Como se sabe, o artigo é dividido em duas partes que buscam abordar questões muito mais complexas do que o tema que está sendo aqui examinado. O interesse de Benveniste, nesse texto, é verificar o que há na língua que a singulariza frente a todos os demais sistemas semiológicos. Esse artigo faz parte da ambição teórica de Benveniste de abrir a linguística a campos muito mais amplos, o que incluiria uma teoria da sociedade e da cultura. “Semiologia da língua” é, seguramente, se não o mais complexo texto de Benveniste, aquele que levanta maiores problemas, em especial pelo que afirma a respeito das artes e da linguagem poética, pela ambiguidade terminológica que apresenta e pelo caráter programático que tem (por exemplo, o uso do termo *metassemântica*).

Saussure tem lugar de destaque na construção de “Semiologia da língua”. É a partir da recusa da validade da noção peirceana de signo, no que tange ao tratamento da língua, e da aceitação do princípio saussuriano do signo que Benveniste constrói sua argumentação de que a língua é “o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento” (BENVENISTE, 1989, p. 63). Além disso, em “Semiologia da língua”, Benveniste volta a falar no arbitrário do signo! Ou seja, 30 anos depois de “Natureza do signo linguístico”, a noção de arbitrariedade do signo volta a ocupar Benveniste.

O encaminhamento de Benveniste é o seguinte: a grande “novidade do método saussuriano” (BENVENISTE, 1989, p. 47), aos olhos de Benveniste, é a prospecção de que a linguística faria parte de outra ciência, a semiologia. Para Saussure, segundo Benveniste, o signo é, por princípio, uma noção linguística que pode se estender a outras ordens de fatos humanos e sociais. O domínio do signo é o da língua e pode ser estendido aos sistemas homólogos à língua –os ritos simbólicos, as formas de polidez, os sinais militares etc. –, no entanto, a língua é o mais importante deles, embora Saussure não esclareça muito a que se deve essa importância da língua.

Segundo Benveniste, Saussure afirma claramente que a linguística tem uma relação necessária com a semiologia, no entanto, define a natureza dessa relação apenas pelo princípio da arbitrariedade do signo. Para Benveniste, “o que liga a linguística à semiologia é este princípio colocado no centro da linguística, o de que o signo linguístico é ‘arbitrário’” (BENVENISTE, 1989, p. 50). É a arbitrariedade do signo que funda o conjunto de sistemas que seria o objeto da semiologia.

A partir disso, Benveniste pode formular sua ideia: a linguística tem uma relação necessária com a semiologia e, embora Saussure não tenha definido a natureza dessa relação para além do princípio do arbitrário do signo, pode-se supor que os demais sistemas – ritos e formas de polidez, por exemplo – somente se sustentam sobre uma relação semiológica através de um discurso sobre eles: “estes signos, para nascerem e se estabelecerem como sistema, supõem a língua, que os produz e os interpreta” (BENVENISTE, 1989, p. 51). Isso leva Benveniste a concluir que, além dos sistemas de signos, as relações entre

os sistemas constituem o objeto da semiologia. Note-se bem: as relações entre os sistemas.

A conclusão aqui é evidente: a arbitrariedade do signo é, aos olhos de Benveniste, insuficiente para estabelecer as relações entre os sistemas que fariam parte da semiologia. Mais uma vez, o conceito de signo é um ponto de partida para Benveniste, mas não um ponto de chegada.

Benveniste, em “Semiologia da língua”, aborda o signo no domínio do *semiótico*, cuja significação se estabelece intrassistema, mediante distinção. A esse domínio, Benveniste contrapõe o domínio do *semântico*, cuja unidade é a frase. Essa é a especificidade da língua, que a diferencia de todos os outros sistemas: operar, simultaneamente, nos domínios semiótico e semântico.

Para Benveniste, a língua é o único sistema semiológico que tem a *dupla significância* do modo semiótico e do modo semântico. E sintetiza:

A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou semiótica (gestos de cortesia; *mudrās*), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas), sem semiótica. O privilégio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da **relação de interpretância pela qual a língua engloba os outros sistemas**. (BENVENISTE 1989, p. 66, grifo meu)

Benveniste dá à noção de interpretância da língua um lugar de grande destaque nessa formulação.

Observe-se, então, que Benveniste concorda com Saussure ao supor que a língua é o mais importante dos sistemas semiológicos. No entanto, Benveniste parece não atribuir essa importância à natureza arbitrária do signo linguístico, como faz Saussure, mas ao fato de ser a língua o único sistema que se articula, simultaneamente, no modo semiótico e no modo semântico, o que a transforma no interpretante por excelência de si e dos outros sistemas. Mais uma vez, vê-se Benveniste minimizando o aspecto da arbitrariedade do signo em sua reflexão.

Isso posto, cabe, finalmente, deter-se apenas na parte final do artigo “Semiologia da língua”, pois, nela, formula-se a ideia de que Benveniste inclui em sua teoria a noção de signo de Saussure, mas a redimensiona:

Em conclusão, **é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único**, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Esta ultrapassagem far-se-á por duas vias:

- na análise intralinguística, pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que denominamos semântica, de hoje em diante distinta da que está ligada ao signo, e que será semiótica;

- na análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.

Esta será uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral. (BENVENISTE, 1989, p. 67, grifo meu)

Benveniste acredita que se deve ultrapassar a noção de signo de Saussure como *princípio único*: ou seja, não se trata de ultrapassar Saussure, mas de ir além do signo saussuriano como única possibilidade de instauração de uma semiologia. Com isso, pode-se concluir que Benveniste pensa existir mais outro princípio, além do signo, para instaurar-se uma semiologia. Há duas vias para fazer essa ultrapassagem: a primeira é intralinguística; a segunda, translinguística, que decorreria da elaboração de uma *metassemântica*.

Benveniste é absolutamente lacônico acerca dessa “nova” disciplina e apenas lança o seu princípio: ela dar-se-á sobre a semântica da enunciação. No entanto, a conclusão é programática: a metassemântica será uma “semiologia de segunda geração”, diferente da “de primeira geração” – a de Saussure, fundada sobre o signo como princípio único –, será fundada sobre a enunciação e está por ser feita.

Conclusão

Em termos de conclusão, parecem claros os motivos que levam Benveniste a não alterar a crítica que faz a Saussure em “Natureza do signo linguístico”. Para além do fato de Benveniste surpreender no raciocínio de Saussure a “anomalia”,

que talvez tenha sido o aspecto que recebeu maior atenção por parte dos leitores de Saussure, a crítica permite a Benveniste dar início à instituição de um outro objeto para a linguística. Não mais a língua entendida como um sistema de signos, mas a língua assumida pelo homem que fala, pelo homem na língua.

O signo linguístico para Benveniste, sob a égide do três, não é o signo linguístico saussuriano. E a diferença é justamente o que advém do escopo da contingência. Quer dizer: a descrição linguística de Benveniste não abre mão das formas da língua, o seu aspecto semiótico, mas o ponto de chegada é mesmo o semântico, isto é, o acontecimento que cada enunciação suscita. Eis uma resposta que poderia ser dada à pergunta que serve de título a este trabalho.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, M. *Linguistique et psychanalyse: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan et les autres*, Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas/SP: Pontes, 1988.

_____. Prefácio (1966) In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas/SP: Pontes, 1988. p. -VIII-IX

_____. *A natureza dos pronomes* (1956). In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas/SP: Pontes, 1988. p. 277-283.

_____. *Saussure após meio século* (1963). In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas, SP: Pontes, 1988. p. 34-49.

_____. *Tendências recentes em linguística* (1954) In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas, SP: Pontes, 1988. p. 3-18.

_____. *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963). In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas/SP: Pontes, 1988. p. 19-33.

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães [et al.]. Campinas/SP: Pontes, 1989.

_____. *A forma e o sentido na linguagem* (1966/1967). In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães [et al.]. Campinas/SP: Pontes, 1989. p. 220-242.

BENVENISTE, É. *Semiologia da língua* (1969). In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães [et al.]. Campinas/SP: Pontes, 1989. p. 43-67.

_____. Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Études. In: *École pratique des hautes études. 4e section, Sciences historiques et philologiques. Annuaire 1964-1965*, p. 20-34, 1964.

BOUQUET, S. Benveniste et la représentation du sens : de l'arbitraire du signe à l'objet extra-linguistique. In: NORMAND, C; ARRIVÉ, M. *Émile Benveniste vingt ans après. LINX*, numéro especial, p. 107-122, 1997.

_____. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

DE MAURO, T. *Cours de linguistique générale: édition critique préparée par Tullio de Mauro*. Paris: Payot, 1976.

ENGLER, R. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, Librairie E. Droz, n.19, p. 5-66, 1962.

FEHR, J. "Bœuf, Lac, Ciel" - "Concierge, Chemise, Lit". In: ARRIVÉ, M; NORMAND, C. *Saussure aujourd'hui. LINX*, numéro especial, p. 431-438, 1995.

GADET, F. *Saussure: une science de la langue*. Paris: PUF, 1987.

GODEL, R. Problèmes de linguistique saussurienne, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, Librairie E. Droz, n. 29, p. 74-89, 1974/1975.

_____. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Librairie Droz, 1957.

JAKOBSON, R. El signo y el sistema de la lengua: una reafirmación de la doctrina de Saussure. In: _____. *Arte verbal, signo verbal, tempo verbal*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

MILNER, J-C. Réflexions sur l'arbitraire du signe, *Ornicar*, v. 5, p. 73-85, 1975.

_____. *L'amour de la langue*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

_____. *Le périple structural :figures et paradigme*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

NORMAND, C. L'arbitraire du signe comme phénomène de déplacement, *Dialectique*, v. 1, p. 109-126, 1973.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale* : édition critique de Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1974, tomo II.

_____. *Cours de linguistique générale* : édition critique de Rudolf Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1968, tomo I.

_____. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo: 1975.

SUENAGA, A. Benveniste et Saussure: L'instance de discours et la théorie du signe. In: NORMAND, Claudine; ARRIVÉ, Michel (dir.). *Emile Benveniste vingt ans après*. Paris: CRL-Université Paris X, 1997. p. 123-128.

_____. *Saussure, un système de paradoxes. Langue, parole, arbitraire et inconscient*. Limoges: Lambert-Lucas, 2005.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Abstract***How can we go beyond the Saussurean notion of sign? From Saussure to Benveniste***

This paper examines the effects of Ferdinand de Saussure's thoughts on the theoretical developments by Émile Benveniste, based on a specific notion: that of the linguistic sign. Many have already devoted themselves to this discussion. Almost always, their perspective focuses on the issue of arbitrariness. The starting point is usually Benveniste's 1939 article "Nature du signe linguistique", which criticizes the demonstration of arbitrariness present in the Course in general linguistics. However, here we seek another perspective: understanding how Benveniste's criticism operates to establish his own approach to the issue. We hypothesize that even though Benveniste admits Saussure's notion of sign, he reformulates it in order to propose his own understanding of the notion of linguistic sign. Finally, there are elements to suppose that Benveniste includes the Saussurean perspective on the sign, yet without preserving it in its entirety, to develop his own insight of the linguistic sign.

Keywords: Linguistic sign. Linguistic arbitrariness. Semiology.